

celebridade mortal

j. d. robb

Tradução de Idalina Morgado

É um caminho batido, o da fama à infâmia.

THOMAS FULLER



*O desejo pelo poder, por dominar os outros,
incendeia o coração mais do que qualquer outra paixão.*

TÁCITO

CAPÍTULO

1



Com frustração e algum pesar, ela analisou o homicídio. O cadáver encontrava-se na sala silenciosa, num sofá da cor de um bom *Merlot*, o sangue do coração a manchar uma camisa cinza-clara sob a tranqueta prateada de um bisturi. Os olhos dela, vazios e sombrios, percorreram o corpo, a sala, o tabuleiro de fruta e queijo artisticamente dispostos numa pequena mesa.

— A aproximar-me novamente. — A sua voz, tal como os olhos, encontrava-se em modo de polícia, enquanto endireitava a silhueta alta e esguia. — Está deitado. Desativou o droide, deixando-o e ao sistema de segurança da casa programados para «Não incomodar». Mas ficou aqui deitado sem se preocupar se alguém entrava, se se debruçava sobre ele. Talvez tranquilizantes. Vamos verificar o exame toxicológico, mas não estou para aí virada. Ele conhecia-a. Não temeu pela vida quando ela entrou.

Dirigiu-se à porta. No corredor do lado de fora, a bonita loira sentara-se no chão, com a cabeça entre as mãos e com a robusta e recentemente promovida inspetora a sorrir cinicamente ao seu lado.

E ela aí permaneceu, enquadrada pela porta, com o homicídio atrás de si.

— E corta! Que cena fabulosa.

Ao sinal do realizador, a área — decorada como o escritório de casa do falecido Wilford B. Icove Júnior — transformou-se numa profusão de sons e movimento.

A tenente Eve Dallas, que outrora estivera naquele escritório, debruçada sobre um corpo que, ao contrário deste, não se sentara nem coçara o traseiro, experienciou a estranha sensação de um *déjà-vu* a desfazer-se.

— Isto é porreiro ou quê? — Ao seu lado, Peabody fez uma pequena dança contida, saltitando nas suas botas de *cowboy* cor-de-rosa. — Estamos num verdadeiro estúdio de filmagens a ver-nos a nós próprias. E estamos mesmo bem.

— É estranho.

E mais estranho ainda, pensou Eve, era ver-se a si própria — ou a uma cópia razoável — a vir na sua direção com um sorriso aberto e animado.

Ela não sorria assim, pois não? Isso seria ainda mais estranho.

— Tenente Dallas. É tão bom que tenha tido oportunidade de vir ao estúdio. Estava desejosa de a conhecer. — A atriz estendeu-lhe a mão.

Eve já tinha visto Marlo Durn, mas como uma loira bronzeada de olhos verde-escuros. O cabelo castanho curto e irregular, os olhos castanhos, até mesmo a ligeira covinha no queixo que combinava com a sua, causavam a Eve alguns arrepios.

— E a inspetora Peabody. — Marlo entregou o longo casaco de cabedal que tinha usado para a cena, idêntico ao que o marido de Eve lhe oferecera durante a investigação de Icove, à pessoa encarregue do guarda-roupa.

— Sou uma grande fã, senhora Durn. Assisti a tudo em que participou.

— Marlo — disse a atriz a Peabody. — Afinal de contas, somos parceiras. Então, o que é que acharam? — Fez um gesto para o cenário, e uma cópia da aliança de casamento do dedo de Eve cintilou brevemente no de Marlo. — Estamos parecidos?

— Pareceu-me bem — disse Eve. Para uma cena esquisita de um crime, com pessoas a movimentarem-se de um lado para o outro.

— O Roundtree, o realizador, quer autenticidade. — Marlo indicou com a cabeça o homem corpulento debruçado sobre um monitor. — E o que ele deseja, ele obtém. É apenas uma das razões pelas quais ele insistiu que filmássemos tudo em Nova Iorque. Espero que tenham tido tempo para dar uma vista de olhos, de modo a terem uma verdadeira noção das coisas. Quis este papel mal soube do projeto, mesmo antes de ler o livro da Nadine Furst. E vocês, ambas, viveram-no. Agora estou para aqui a tagarelar.

Marlo soltou uma gargalhada curta e agradável.

— Eu é que sou uma grande fã. Durante meses, dediquei-me a tudo que estivesse relacionado com Eve Dallas. Até acompanhei alguns detetives, quando nem mesmo o Roundtree conseguiu convencê-la a si ou ao vosso comandante a deixarem-me a mim e à K.T. acompanhar-vos. E — continuou antes que Eve pudesse responder —, tendo-me dedicado tanto, entendo perfeitamente porque não permitiu.

— *Okay.*

— E a tagarelar outra vez. K.T.! Vem conhecer a verdadeira inspetora Peabody.

A atriz, imersa numa discussão com Roundtree, ergueu o olhar. O aborrecimento transpareceu-lhe nos olhos antes de colocar o que Eve supôs ser o seu sorriso-ao-conhecer-o-público.

— Mas que sorte. — K.T. deu apertos de mão, passou os olhos por Peabody. — Está a deixar crescer o cabelo.

— Sim. Mais ou menos. Acabei de a ver no *Teardrop*. Estava perfeitamente magnífica.

— Vou roubar a Dallas por uns minutos. — Marlo enganchou um braço no de Eve. — Vamos beber café — disse ela, puxando Eve para o exterior do cenário do crime e atravessando o que imitava o segundo andar da casa dos Icove. — Os produtores conseguiram arranjar-me a marca que bebe, e agora estou viciada. Pedi ao meu assistente para nos preparar a caravana.

— Não está a trabalhar?

— Muito do trabalho é esperar. Acho que nisso é semelhante ao trabalho policial. — Movendo-se rapidamente em botas e calças grosseiras, com uma arma de adereço, presumiu Eve, num arnês de ombro, Marlo abriu caminho através do estúdio, passou por cenários, equipamento, grupos de pessoas.

Eve deteve-se na reprodução do átrio da sua esquadra. Secretárias — atravancadas —, o quadro dos casos que a levava de volta ao outono anterior, os cubículos, o chão em mau estado.

A única coisa que faltava eram os polícias, e o cheiro de açúcar processado, mau café e suor.

— Está realista?

— Sim... um pouco maior, acho eu.

— Não vai parecer maior no ecrã. Eles reproduziram o seu gabinete, com a mesma disposição, para poderem filmar-me a mim ou a um dos outros a passar por esta zona, a entrar ou a sair. Gostaria de ver?

Atravessaram o átrio da esquadra, passaram pela parede falsa e por uma área aberta que Eve assumiu que também não apareceria no ecrã, e entraram num modelo quase perfeito do seu gabinete na Central, com detalhes tão minuciosos que incluíam até a janela estreita. Embora esta tivesse vista para o estúdio em vez de Nova Iorque.

— Vão construir a paisagem com imagens geradas por computador: edifícios, tráfego aéreo... — disse Marlo quando Eve se aproximou para olhar pela janela. — Já filmei algumas cenas aqui, e gravámos a cena

na sala de reuniões onde expôs a conspiração: Icove, Unilab, Academia Brookhollow. Foi intenso. O diálogo foi retirado diretamente do livro, que, segundo nos disseram, se manteve muito próximo dos registos oficiais. A Nadine fez um trabalho espetacular ao fundir a realidade com uma história fascinante. Embora eu acredite que a realidade foi fascinante. Admiro tanto a Dallas.

Surpreendida e ligeiramente desconfortável, Eve virou-se.

— O que faz, todos os dias — continuou Marlo —, é tão importante. Eu sou boa no meu trabalho. Sou mesmo muito boa no que faço, e sinto verdadeiramente que o que faço é importante. Não é tão importante como descobrir um esquema mundial de clonagem ilegal, mas sem arte, sem histórias, e sem as pessoas que dão vida a essas histórias, o mundo seria um lugar mais triste e mais pequeno.

— Claro que seria.

— Quando comecei a preparar-me para este papel, apercebi-me de que nunca tivera outro ao qual quisesse tanto fazer justiça. Não só devido ao potencial Óscar, embora a estatueta de ouro brilhante ficasse muito bem na minha lareira, mas porque é importante. Sei que só viu uma cena, mas espero que, se houver alguma coisa que não soe a autenticidade, que não lhe pareça bem, me diga.

— Pareceu-me bem. — Eve encolheu os ombros. — A verdade é que é estranho, e creio que um pouco perturbador, ver alguém a representar-nos, a fazer o que fizemos, a dizer o que dissemos. Por isso, como me pareceu estranho e perturbador, acredito que esteja bem.

O sorriso de Marlo irrompeu, exuberante. E não, pensou Eve, ela definitivamente não sorria daquela maneira.

— Isso é bom, então.

— E isto. — Eve deu uma volta ao cenário do seu gabinete. — Sinto que preciso de me sentar e despachar alguma papelada.

— A Carmandy ia adorar ouvi-la. Ela é a cenógrafa principal. Vamos lá buscar o café. Precisam que eu regresse ao estúdio em breve.

Marlo fez um gesto enquanto saíam para o sol luminoso de outubro de 2060.

— Indo por aqui, verá alguns dos cenários da residência de Roarke e Dallas. São espetaculares. O Preston, o nosso assistente, disse-lhe que iam querer umas fotos publicitárias enquanto a Dallas e a Peabody estivessem no estúdio? Valerie Xavier, a agente publicitária, está encarregue disso. Está sempre em cima do acontecimento.

— Foi mencionado.

Marlo sorriu de novo, roçando no braço de Eve de forma rápida e ligeira.

— Eu sei que não é algo que a Dallas aceitasse fazer, mas resultará numa excelente publicidade para o filme, e vai deixar felizes o elenco e a equipa. Espero que consiga ir ao jantar de hoje. A Dallas e o Roarke.

— Estamos a contar ir. — Não conseguiriam escapar-se, pensou Eve.

Marlo soltou uma gargalhada, lançou um olhar a Eve.

— E está a desejar ter um caso urgente para poder faltar.

— Parece-me que é boa no seu trabalho.

— Vai ser mais divertido do que pensa. O que não vai ser difícil, porque espera que seja uma tortura.

— Tem escutas no meu escritório?

— Não, mas gosto de pensar que consigo escutá-la a si. — Marlo deu alguns toques na têmpora. — Por isso, sei que vai divertir-se muito mais do que imagina. E vai adorar o Julian. Ele desempenha o Roarke na perfeição: o sotaque, a linguagem corporal, aquela sensação indefinível de poder e sexo. Além disso, ele é deslumbrante, engraçado e encantador. Tenho adorado trabalhar com ele. Está no meio de alguma investigação, agora?

— Acabámos de encerrar uma há poucos dias.

— O caso do Whitwood Center; pelo menos é o que os meios de comunicação lhe chamam. Como lhe disse, tenho-me dedicado muito. Ainda assim, mesmo quando não se encontra ativamente a trabalhar num caso, está a supervisionar outras investigações, a testemunhar em tribunal, a aconselhar os agentes e detetives da sua divisão. É uma agenda cheia. Lidar com... — Marlo interrompeu-se quando o comunicador de Eve deu sinal.

— Dallas.

— *Central, Dallas, tenente Eve. Encontre-se com agente na Twelve West Third. Possível homicídio.*

— Entendido. Dallas e inspetora Delia Peabody a caminho. — Eve desligou, fez sinal a Peabody. — Apanhámos um. Vai ter comigo ao carro.

Guardando o comunicador no bolso, olhou para Marlo.

— Desculpe.

— Não, claro. Apanharam um caso, mesmo enquanto nos encontrávamos aqui. Provavelmente é uma pergunta estúpida, mas qual é a sensação de ser contactada e lhe ser dito que alguém está morto?

— A de que é altura de ir trabalhar. Ouça, obrigada por me mostrar tudo isto.

— Há muito mais. A Big Bang Productions basicamente construiu o

Mundo de Dallas aqui no Chelsea Piers. Vamos estar a filmar durante pelo menos mais duas semanas, provavelmente três. Talvez consiga voltar.

— Talvez. Tenho de ir. Vemo-nos logo à noite, se o trabalho permitir.

— Boa sorte.

Eve deu a volta pelo exterior até ao parque VIP e ao seu veículo. Não ficava feliz por alguém estar morto... mas se esse alguém ia morrer de qualquer maneira, também não ficava *infeliz* por ter apanhado o caso *antes* da estúpida sessão de fotos. Tinha considerado a Marlo Durn amável, talvez um pouco intensa, mas amável, esperta, e não uma idiota. No entanto tinha de admitir que se tornava um pouco inquietante estar sempre a olhar para alguém que se parecia tanto consigo. E fazê-lo num ambiente que se parecia tanto com o seu.

Mundo de Dallas.

Huh.

— Como havíamos de saber que íamos apanhar um caso. — Peabody apressou-se. — Isto foi divertido! E o Preston, o Preston Stykes, assistente de realização, disse que eu podia fazer uma participação como convidada! Vão estar a gravar algumas cenas de rua no próximo fim de semana, e eu vou ser uma transeunte: com um grande plano, e talvez até uma fala. Aposto que vai aparecer-me uma borbulha. — Passou brevemente a mão pela cara, para verificar. — Aparece sempre uma borbulha quando se tem um grande plano.

— Tive muito disso... grandes planos, não borbulhas. Não quero saber das tuas borbulhas.

— Vai ser a minha primeira vez. — Instalou-se no banco do passageiro enquanto Eve se sentava ao volante. — E hoje à noite vamos socializar ao jantar. Vou jantar com estrelas de cinema, com celebridades, na residência chique de Park Avenue do realizador mais badalado de Hollywood, vou conhecer o produtor mais poderoso e respeitado, e fundador da Big Bang Productions. — Peabody parou de procurar potenciais borbulhas para pressionar a mão na barriga. — Sinto-me um pouco enjoada.

— Então, podes tratar disso na casa de banho luxuosa do realizador mais badalado de Hollywood.

— Ele andava à tua procura, o Roundtree. Estava prestes a enviar um moço de recados para te encontrar.

— Eu estava a ter a experiência surreal de me mostrar a mim mesma o meu escritório e o átrio da minha esquadra.

— Oh! A minha secretária. Podia ter-me sentado à minha secretária. Podia ter-me sentado à *tua* secretária.

— Não.
— É um cenário para um filme.
— Ainda assim, não.
— Má. A outra tu é simpática. Deixa-me tratá-la por Marlo. A outra eu é um bocado cabra.

— Ora aí está. Um elenco personalizado.
— Que graça, ah, ah. A sério, ela falou comigo durante cerca de trinta segundos e depois ignorou-me. E sabes o que é que ela disse?

— Como é que posso saber se não estava lá?

— Então, eu digo-te. — Olhando, carrancuda, pelo para-brisas, Peabody colocou os óculos de sol com lentes de arco-íris. — Ela disse que se o livro da Nadine era uma reprodução fiel, sugeria que eu fizesse um curso de assertividade. Caso contrário, nunca serei mais do que uma subordinada ou, na melhor das hipóteses, um apoio. Mas que, com a minha atitude subserviente, nunca estarei no comando.

Eve sentiu um arranhar de irritação roçar-lhe a nuca. A sua *parceira* tinha sido suficientemente assertiva para impulsionar o início da investigação e a destruição de uma rede de polícias corruptos.

— Ela não é um bocado cabra. É essencialmente *uma* cabra. E tu não és uma subordinada.

— Exatamente. Sou tua parceira, e, *okay*, tu és a minha tenente, mas isso não faz de mim uma subordinada com uma atitude subserviente.

— Seguir as ordens do comando não é ser subserviente, é ser um bom polícia. E na maior parte das vezes tu assumes uma atitude de espertalhona.

— Obrigada. Não gostei muito de mim.

— Eu também não gosto assim tanto de ti. Nem a outra eu.

— Agora estou confusa.

— A Marlo e a K.T. não gostam muito uma da outra. Nota-se quando a câmara não está a apontar para elas. Quando o realizador disse «Corta», foi cada uma para o seu lado, sem se falarem nem olharem uma para a outra, até a Marlo chamar a K.T. para ao pé de ti.

— Acho que tinha estrelas de Hollywood nos olhos, porque não reparei. Mas tens razão. Deve ser duro trabalhar com alguém tão próximo, ter de fingir que gostam e se respeitam uma à outra, quando na realidade isso não acontece.

— É por essa razão que lhe chamam representar.

— Ainda assim. Ah, e acho que a outra eu tem um rabo maior.

— Não há dúvidas sobre isso.

— A sério?

— Peabody, eu não olhei para o rabo dela, e raramente tenho oportunidade de olhar para o teu. Mas estou disposta a dizer que o rabo dela é maior se isso te fizer feliz e se pudermos parar de falar desta malta de Hollywood.

— Está bem, mas só mais uma coisa. A outra eu também é uma mentirosa. Disse-me que tinha de se ir preparar para a cena seguinte, mas quando passei pela zona das caravanas para chegar ao parque de estacionamento VIP, vi-a... e, chiça, ouvi-a. A bater numa das portas das caravanas, a gritar: «Sei que estás aí, seu sacana» e «Abre a maldita porta!» Coisas assim.

— A caravana de quem?

— Não sei, mas ela estava lixada e não se importava com quem ouvisse, porque havia pessoal a circular.

— Tal como eu sempre disse. És uma cabra com mau feitio e sem classe. Peabody suspirou e sorriu.

— Mas não uma subordinada.

— Agora que resolvemos isso — disse Eve enquanto estacionava atrás de um carro-patrulha —, talvez possamos ir ver o tal corpo.

— Uma visita a um estúdio de cinema, um cadáver e um jantar com celebridades. É um dia mesmo bom.

Não para Cecil Silcock.

O seu dia tinha acabado cedo nos azulejos com padrão de leopardo da sua sofisticada cozinha. Encontrava-se ali deitado, com o sangue do ferimento na cabeça a correr, como se de um rio para um lago, sobre o dourado com manchas pretas. Na opinião de Eve, fazia com que o chão se assemelhasse demasiado a um animal mortalmente ferido.

Cecil estava definitivamente mortalmente ferido. O sangue também ensopara o roupão extremamente fino de caxemira branca, que ele vestira algum tempo antes de a sua cabeça ter entrado em contacto com um objeto rombo de algum peso, e depois com os azulejos daquele padrão infeliz. Pelo golpe na testa, Eve calculou que Cecil também tivesse entrado em contacto com a esquina do tampo dourado da ilha de cozinha preta.

O resto da cozinha, as áreas de jantar e de estar, o quarto principal, a cama de hóspedes e a casa de banho estavam tão impecáveis, tão bem decorados e *organizados* como um expositor de decoração luxuosa de interiores.

— Não há sinais de entrada forçada — informou a Eve o agente que se encontrava à porta. — Temos o cônjuge da vítima no quarto. Ele diz que

esteve fora da cidade nos últimos dois dias, chegou a casa e encontrou o corpo. Chegou mais cedo do que era esperado, só sendo suposto regressar esta tarde.

— Onde está a mala dele?

— No quarto.

— Vamos buscar os discos de segurança.

— O cônjuge disse que o sistema de segurança estava desligado quando ele chegou. Alega que a vítima se esquecia frequentemente de o ativar.

— Encontre a unidade do sistema de segurança deles, verifique na mesma. — Eve voltou a guardar o seu *Seal-It* no *kit* de campo e agachou-se junto ao corpo. — Peabody, vamos confirmar a identificação, definir a hora da morte. Ele levou um golpe forte aqui, no lado esquerdo da cabeça, ao longo da têmpora, na órbita ocular. Algo largo, pesado e liso.

— Confirma-se que a vítima é Cecil Silcock, 56 anos, com esta morada de residência. Casado com Paul Havertoe, há quatro anos. É proprietário e trabalha na Good Times¹, uma empresa de planeamento de eventos.

— Acabaram-se os bons tempos para ele. — Sentada sobre os calcanhares, Eve olhou em redor. — Não houve entrada forçada. E o sítio parece ter sido limpo e arrumado por fadas mágicas. Está a usar uma aliança de casamento, que aposto ser de platina, com um diamante bastante grande. É pouco provável que neste caso o roubo tenha sido o motivo. Além das joias, vejo muitos aparelhos eletrónicos topo de gama que são fáceis de transportar.

— Hora da morte: dez e trinta e seis. Assim vestido, sem entrada forçada, ele tinha de conhecer o assassino. Deixou-o entrar, voltou para aqui, talvez para fazer café ou algo do género. Pumba, e o Cecil Bons Tempos deixa de existir.

— Pode ter sido precisamente assim. Ou pode ser que, vestido desta maneira, o Cecil tenha tido companhia enquanto o marido estava de viagem, uma *viagem* que iremos confirmar. Vem preparar um pequeno-almoço agradável, a companhia dá-lhe uma cacetada. Ou o marido regressa, percebe que o Cecil não se portou bem e dá-lhe uma cacetada.

O agente voltou a entrar.

— O sistema de segurança está desligado há vinte e oito horas, tenente. Não temos nada da noite passada ou desta manhã.

— Muito bem. Comece a bater às portas. Vamos ver se alguém se apercebeu de alguma coisa.

Colocando os óculos de proteção, Eve analisou cuidadosamente o corpo.

¹ Tempos Felizes ou Bons Tempos, em português. (N. de T.)

— O Cecil está tão limpo como a casa. Cheira a limão. — Aproximou a cara do rosto do morto, inalou outra vez. — Mas também se nota aqui um pouco de café. Tomou um duche e bebeu uma chávena antes da cacetada. Não há feridas defensivas visíveis, nem outras lesões. Leva a pancada, cai, batendo aqui na esquina da ilha, depois leva outra pancada, na outra têmpora, nos azulejos. É estranho, não é?

— É?

— Está tudo tão limpo, tão organizado.

— A vítima era organizada?

— Talvez. Provavelmente. — Eve tirou os óculos de proteção, pôs-se de pé. — Não há nenhum AutoChef. Que espécie de sítio é este? — Verificou o interior do frigorífico. — Tudo muito fresco aqui, e brilhante de tão limpo. — Começou a abrir os armários e as gavetas. — Muitos tachos, panelas, utensílios, pratos a condizer, copos de vinho, blá, blá. — Tirou uma frigideira grande e pesada. Larga e de fundo liso. — Tem peso.

— Oh, a minha avó tem uma dessas. Ferro fundido. É a predileta dela, foi-lhe passada pela avó.

Eve analisou a frigideira, agachou-se novamente e colocou os óculos de proteção para verificar a ferida lateral na cabeça de Cecil. Retirando outra ferramenta do estojo, tirou rapidamente as medidas. Acenou com a cabeça.

— Aposto que foi isto. Sela-a e etiqueta-a para a equipa forense. Vamos ver se encontramos aqui alguma coisa do Cecil. Portanto, o Cecil tem companhia, ou recebe alguém, e eles vêm para aqui, para trás da ilha de cozinha. Mas não há sinais de terem cozinhado, e como não há um AutoChef como em qualquer outra cozinha civilizada do mundo, ele teria de usar uma frigideira, utensílios. E quanto ao café?

— Aquilo ali é uma máquina de café expresso. Coloca-se os grãos inteiros, a água, e a máquina mói e faz o café.

— Mas está limpa e vazia.

— Talvez não tenha tido tempo para o preparar antes do golpe.

— Uh-uh. Ele tem um pouco de hálito a café. Ele não entrou simplesmente aqui com o assassino e foi atingido com um objeto pesado. Aposto que a cena de ferro fundido é a arma do crime. Se ele a tirou da gaveta, então onde está o resto, o que quer que fosse que ele ia pôr lá dentro para cozinhar? Se ele está a discutir com alguém, pensaria em fazer o pequeno-almoço? Porque é que o assassino não deixa a arma do crime à vista ou a leva consigo? Em vez disso, limpa-a, guarda-a... e no que parece ser o seu lugar apropriado.

» Se vais preparar o pequeno-almoço, qual é a primeira coisa que fazes?

— Vou buscar o café — disse Peabody.

— Toda a gente vai buscar o café, e o Cecil diz-me que fez exatamente isso. Mas não há café feito, nem chávena ou caneca.

Com os lábios cerrados, os olhos a perscrutar, Peabody tentou ver o mesmo que Eve.

— Talvez ele ou eles já tivessem comido, limpadinho. E a seguir discutiram.

— Pode ser, mas, se assim foi, esta frigideira ainda estaria disponível para a cacetada? Tudo está arrumado na perfeição, mas isto está à mão. Porquê isto? — Eve levantou a frigideira então selada. — É uma arma de oportunidade. Irrita-se, agarra, bate. Não se abria a gaveta, tirava-se da pilha, seleccionava a arma e depois dava-se a cacetada.

Peabody seguiu o raciocínio.

— Estás a pensar que foi o marido a fazê-lo, depois limpou tudo e chamou a Polícia.

— Gostava de saber como é que o Havertoe chegou a casa. Está na altura de termos uma conversa.

Eve dispensou o agente sentado com Havertoe para que se juntasse à investigação. Tal como a cozinha, o quarto principal poderia ter servido de anúncio para a Stylish Urban Home. Desde os elegantes pilares prateados e a manta com padrão de zebra — com o seu monte de almofadas pretas e brancas cuidadosamente expostas —, o brilho espelhado das mesas de cabeceira, as estranhas linhas angulosas das peças de arte, até à sinuosa jarra que continha uma única flor vermelha espinhosa que, pelo que Eve conseguia observar, parecia esconder dentes, afiados e finos como agulhas, debaixo das pétalas.

Na área de estar em frente das amplas portas que abriam para o terraço, Paul Havertoe encontrava-se encolhido num sofá de costas prateadas com almofadas vermelhas, agarrado a um lenço de bolso encharcado.

Eve estimou que seria cerca de vinte anos mais novo do que o falecido esposo. O seu rosto suave e atraente apresentava um bronzeado dourado pálido que se destacava completamente do luxuriante cabelo cor de caramelo. Usava umas calças de ganga justas e engomadas e uma camisa branca imaculada sobre um corpo que Eve supunha ter despendido muito tempo no ginásio.

Os seus olhos, quando se ergueram para os de Eve, eram da cor de ameixas e estavam inchados de tanto chorar.

— Sou a tenente Dallas, e esta é a inspetora Peabody. Os meus pêsames, senhor Havertoe.

— O Cecil está morto.

Sob a crueza das lágrimas, Eve apanhou indícios de melação e magnólia.

— Sei que é uma altura difícil, mas precisamos de lhe fazer algumas perguntas.

— Porque o Cecil está morto.

— Sim. Estamos a gravar esta conversa, senhor Havertoe, para sua proteção. E vou ler-lhe os seus direitos para que fique esclarecido sobre tudo. Pode ser?

— Tem de o fazer?

— É melhor se o fizer. Vamos despachar isto o mais rápido possível. Antes de começarmos, há alguém que pretenda que contactemos por si... um amigo, um familiar?

— Eu... eu não consigo pensar.

— Bem, se se lembrar de alguém que queira consigo, nós tratamos disso. — Eve sentou-se à frente dele, enunciou a versão revista dos Direitos de Miranda. — Compreende os seus direitos e obrigações?

— Sim.

— *Okay*, ótimo. Viajou para fora da cidade?

— Chicago. Um cliente. Planeamos eventos. Regressei esta manhã e...

— Regressou de Chicago esta manhã. A que horas?

— Creio que por volta das onze. Só devia chegar às quatro, mas consegui acabar mais cedo. Queria fazer uma surpresa ao Cecil.

— Então trocou o seu voo e o serviço de transporte?

— Sim, sim, exatamente. Consegui apanhar um vaivém mais cedo, reservar um transporte para mais cedo. Para surpreender o Cecil. — Engasgando-se num soluço, encostou o lenço húmido ao rosto.

— Compreendo que tenha sido um choque terrível. Qual foi o serviço de veículos que utilizou, senhor Havertoe? Só para que fique registado.

— Usamos sempre o Delux.

— Certo. E quando chegou a casa — continuou Eve enquanto Peabody saía silenciosamente do quarto —, o que aconteceu?

— Entrei e trouxe a minha mala para aqui, mas o Cecil não estava no quarto.

— Era suposto ele estar em casa a essa hora do dia?

— Estava previsto ele trabalhar hoje a partir de casa. Ele tem um cliente que vem cá esta tarde. Devia contactá-los. — Olhou à sua volta inexpressivamente, com os olhos lacrimejantes. — Devia...

— Nós ajudamo-lo com isso. O que é que fez a seguir?

— Eu... Chamei por ele... hum, como qualquer um faria. E pensei que ele devia estar no seu escritório. Fica a seguir à cozinha, com vista para o pátio, porque ele gosta de olhar para o nosso pequeno jardim enquanto trabalha. E vi-o no chão. Vi-o, e ele estava morto.

— Tocou em alguma coisa? Alguma coisa na cozinha?

— Toquei no Cecil. Peguei-lhe na mão. Ele estava morto.

— Conhece alguém que quisesse fazer mal ao Cecil?

— Não. Não. Toda a gente ama o Cecil. — Com algum dramatismo, pressionou o lenço encharcado contra o coração. — Eu amo o Cecil.

— Quem é que acha que ele deixaria entrar, estando apenas de roupão?

— Eu... — Havertoe esforçou-se por estabilizar os lábios trémulos. — Penso que o Cecil estava a ter um caso. Acho que ele andava a encontrar-se com alguém.

— Porque pensa isso?

— Algumas vezes chegava tarde a casa e... havia indícios.

— Confrontou-o sobre isso?

— Ele negou-o.

— Discutiram?

— Todos os casais discutem. Nós éramos felizes. Fazíamos-nos um ao outro feliz.

— Mas ele estava a ter um caso.

— Passageiro. — Havertoe esfregou os olhos. — Não iria durar muito. Com quem quer que ele andasse a encontrar-se, deve tê-lo matado.

— Quem imagina que fosse?

— Não sei. Um cliente? Alguém que tivesse conhecido num dos nossos eventos? Conhecemos tanta gente. Há uma tentação permanente de nos extraviarmos.

— Têm uma casa impressionante, senhor Havertoe.

— Temos muito orgulho nela. Organizamos frequentemente festas. É o que fazemos. É uma boa publicidade para o negócio.

— Deve ter sido por isso que limpou a cozinha — disse Eve, coloquialmente, quando Peabody voltou a entrar. — Não queria que as pessoas vissem a confusão.

— Eu... O quê?

— O Cecil estava a preparar o pequeno-almoço quando você chegou... mais cedo do que ele esperava? Ou já tinha acabado? Havia indícios de que ele não tinha estado sozinho? A trai-lo enquanto você estava fora. Ele não se portava bem.

— Ele está morto. Não devia falar dele dessa maneira.
— A que horas disse que chegou a casa?
— Acho que disse por volta das onze.
— Isso é estranho, senhor Havertoe — referiu Peabody. — Porque o seu voo aterrou às oito e quarenta e cinco.

— Eu... Eu tinha algumas coisas para tratar...
— E o motorista da Delux deixou-o aqui à porta às nove e dez.
— Eu... fui dar uma volta.

— Com a sua bagagem? — Eve inclinou a cabeça. — Não, não foi. Entrou em casa às nove e dez, e você e o Cecil começaram a discutir enquanto um de vocês, ou ambos, fazia café, preparava o pequeno-almoço. Queria saber com quem é que ele tinha estado enquanto se encontrava em Chicago. Queria que ele deixasse de o trair. Discutiram, e o senhor Havertoe pegou na frigideira de ferro fundido e deu-lhe com ela. Estava tão zangado. Tudo o que tinha feito por ele e ele não conseguia ser-lhe fiel. Quem o pode culpar por perder a calma? Não queria matá-lo, pois não, Paul? Apenas se revoltou... magoado e zangado.

— Tal não aconteceu. Está enganada sobre a hora. É só isso.

— Não, o Paul é que se enganou. Chegou a casa mais cedo. Pensou que o conseguiria apanhar com alguém?

— Não, não, não foi nada disso. Pretendia fazer-lhe uma surpresa. Queria que as coisas voltassem a ser como inicialmente. Preparei-lhe o seu *brunch* preferido! Mimosas de sumo de laranja mandarin e café de avelã, ovos Benedict com rabanadas de framboesa.

— Deu-se a muito trabalho.

— Tudo feito por mim, e pus a mesa com o serviço preferido dele.

— E ele não lhe deu valor. Todo o tempo e esforço que despendeu, só para lhe fazer algo especial, e ele não lhe deu valor.

— Eu... depois fui dar um passeio. Fui dar um passeio e, quando voltei, ele estava morto.

— Não, Paul. Discutiram, bateu-lhe. Foi como um ato reflexo. Estava tão furioso, tão magoado, que agarrou na frigideira e acertou-lhe com ela. E depois já era demasiado tarde. Então, limpou a cozinha, arrumou tudo. — Enquanto ele estava ali, morto no chão, pensou Eve. — Esfregou a frigideira de ferro fundido. — Com o sangue dele a manchar o fundo. — Deixou novamente tudo limpo e arrumado, tal como ele gostava.

— Não tinha intenção de o fazer! Foi um acidente.

— Certo.

— Ele disse que queria o divórcio. Fiz tudo por ele. Tomei conta dele. Disse-me que eu andava a sufocá-lo e que estava farto que lhe vasculhasse as coisas, que verificasse a agenda dele e lhe ligasse repetidamente. Ele estava farto disso. De mim. Preparei-lhe o *brunch*, e ele queria o divórcio.

— Cruel — comentou Eve.

CAPÍTULO

2



Com Havertoe acusado e detido, os relatórios despachados e o caso encerrado, Eve não conseguiu arranjar uma única desculpa para faltar ao jantar com o pessoal de Hollywood.

E ela bem tentou.

Procurou situações nos casos ativos dos seus detetives, na esperança de encontrar um ângulo que exigisse a sua atenção imediata e pessoal. Quando isso falhou, considerou a hipótese de reabrir um qualquer caso arquivado. Mas ninguém acreditaria que tal fosse uma emergência, principalmente com Peabody a pressioná-la.

— O que é que vais levar vestido esta noite? — quis saber Peabody.

— Não sei. Algo para tapar a nudez.

— Longo ou curto?

— Longo ou curto o quê?

— O tipo de roupa. Curto, a mostrar toda a perna. Tens essa perna toda, por isso podes usá-lo. Ou comprido e elegante, porque és magra e fica-te bem.

Eve lia demoradamente um relatório que o inspetor Baxter tinha entregue. O facto de o ler três vezes significava apenas que estava a ser minuciosa.

— Passas demasiado tempo a pensar no meu corpo.

— Os pensamentos sobre o teu corpo assombram-me dia e noite. Mas, a sério, Dallas, vais sensual ou conservadora, elegante ou vistosa?

— Talvez elegantemente vistosa, sensualmente conservadora. Seja o que isso for. — Levando o seu tempo, Eve assinou o relatório de Baxter. — E por que raio te importas com o que eu visto?

— Porque tenho duas opções principais para mim, e quando souber como é que vais vestida, vou ter uma ideia melhor de qual escolher. Uma delas mostra bem as minhas meninas, mas se fores mais conservadora, acho que não as devo exhibir. Portanto...

Genuinamente perplexa, Eve girou na cadeira.

— Achas mesmo que vou ajudar-te a decidir se deves exhibir as tuas mamas ao jantar?

— Esquece. Pergunto à Mavis.

— Ótimo. Agora, porque é que tu e as tuas famosas meninas estão no meu escritório?

— Porque o turno está quase a acabar e tu estás a tentar empatar, à procura de uma razão para poderes, legitimamente, faltar à festa.

— Pois estou.

Peabody abriu a boca, depois riu-se.

— Vá lá, Dallas, vai ser divertido. A Nadine vai lá estar, e a Mavis e a Mira. Quantas vezes é que qualquer uma de nós tem a oportunidade de sair com celebridades?

— Esperemos que esta seja a última. Pega nas tuas meninas e vai para casa.

— A sério? Ainda faltam dez minutos para o turno acabar.

E a probabilidade de apanhar algum caso urgente em dez minutos não era favorável.

— Quem é que manda? — perguntou-lhe Eve.

— A tenente. Obrigada! Vemo-nos logo à noite.

Com poucas alternativas depois de Peabody se ter ido embora, Eve assinou outro relatório. Uma vez que olhar fixamente para o seu *link* não o fazia dar o alerta de que um psicopata tinha acabado de eliminar todos os turistas da Fifth Avenue, Eve desistiu e arrumou tudo, dando por findo o seu dia de trabalho.

Era apenas uma noite, lembrou a si mesma a caminho da garagem. Provavelmente, a comida seria boa, e Peabody tinha razão, estariam lá muitas pessoas que ela conhecia. Não era como se tivesse de passar o tempo todo a fazer conversa fiada com estranhos.

Mas isto fazia-a pensar nos Icove, pai e filho, os respeitados médicos que se tinham armado em Deus no seu laboratório subterrâneo. Criando clones humanos, pensou ela, despachando aqueles que não eram perfeitos, duplicando outros. Educando-os, treinando-os, escravizando-os.

Até terem ambos sido assassinados pelas suas próprias criações.

Depois daquele jantar, recordou a si própria, acabava-se tudo. Exceto que já lhe tinham dito que precisava de ir à estreia do filme em Nova Iorque. Mas, depois *disso*, acabavam todas aquelas coisas das celebridades. E, finalmente, livrar-se-ia do caso dos Icove.

Quantos deles andariam por aí?, interrogava-se. Os clones, as criações dos Icove? Pensou na rapariga e na bebé que deixara partir — ou que Roarke deixara partir — de Avril Icove... três Avril Icove, todas casadas com o Icove mais novo.

Teriam lido o livro de Nadine? Para onde quer que tivessem fugido, estariam a prestar atenção ao interesse interminável em saber-se como é que elas haviam surgido?

E pensou no que ela e Roarke tinham abandonado — sem outra opção, com as instalações prestes a explodir — em tubos e estruturas no laboratório subterrâneo. O cenário, a publicidade, a atriz de casaco comprido e preto, firmavam, na mente de Eve, as vidas que tinham sido geradas, e que haviam sido destruídas, naquelas terríveis instalações.

Sim, ela queria livrar-se do caso dos Icove.

Atravessou os portões, rolou os ombros para trás. Uma noite, lembrou a si própria ao ver o esplendor que era o seu lar.

Da próxima vez que tivesse uma noite inteira livre, e se o tempo continuasse ameno, ela e Roarke iriam jantar num dos terraços. Com todo o aparato de vinho e luz das velas. Talvez passeassem pela propriedade à luz das estrelas.

Antes de Roarke, Eve nunca pensara em fazer essas coisas, nunca as quisera. Mas agora havia Roarke, e havia um lar. E havia um desejo de apreciar ambos sempre que pudesse.

Estacionou diante da casa, que se alongava, e se erguia com as suas elaboradas torres e torreões. Talvez a festa não durasse assim tanto tempo. Podiam voltar para casa, dar o tal passeio à luz das estrelas.

Absorta, esfregou a ligeira dor no braço quando saiu do carro. Os ferimentos que sofrera em Dallas tinham sarado, ou perto disso. Mas a memória dos dois juntos... sim, havia um desejo de a apreciar sempre que pudesse.

Como esperava, o magricela Summerset e o gorducho gato aguardavam-na no átrio.

— Vejo que não consegui arranjar uma desculpa para faltar às festividades desta noite.

Ela não apreciava muito que o mordomo irritante de Roarke a conhecesse tão bem.

— Ainda há tempo para um homicídio. Poderia até acontecer precisamente aqui e agora.

— Há uma mensagem da Trina para si no *link* de casa.

Eve congelou nos degraus. Congelar era uma consequência natural de sangue a arrefecer.

— Se a deixar entrar nesta casa, vai haver um homicídio. Duplo homicídio quando eu vos espancar até à morte com um tijolo.

— Ela está ocupada na Baixa a ajudar a Mavis e a Peabody, e não vai poder vir cá para tratar do seu cabelo e maquilhagem antes do evento. No entanto — continuou ele, enquanto o alívio se insinuava através do pânico —, ela deixou-lhe instruções pormenorizadas.

— Eu sei como me preparar para um estúpido jantar — murmurou Eve enquanto subia as escadas. — Não preciso de instruções pormenorizadas.

No quarto, despiu o casaco, tirou o arnês da arma. E lançou um olhar carrancudo ao *link* de casa.

— Achas que não sei tomar um maldito duche e espalhar umas porcarias na cara? — perguntou ao gato, que a tinha seguido. — Já o fiz anteriormente.

Mais nos últimos dois anos, pensou, do que na maioria de todos os anos anteriores. Mas, ainda assim...

No entanto, o gato fitava-a com os seus olhos bicolores. Ela silvou, caminhou pesadamente em direção ao *link* e iniciou a reprodução da mensagem.

— *Faz simplesmente o que te digo e ficarás ótima. Eu vou saber se fizeres asneira, por isso não faças. Agora, começa com um longo duche cheio de vapor e o esfoliante de romã.*

Enquanto a voz de Trina continuava sem parar, Eve sentou-se na beira da cama. Havia um zilião de passos, calculou. Ninguém no seu perfeito juízo cumpria todos aqueles passos só para se preparar para uma festa.

E quem raios é que iria saber se ela se esfoliara ou não com romã?

Talvez a Trina, pensou.

De qualquer forma, um longo duche cheio de vapor soava bem. Sem problema.

Quando acabou o duche, a esfoliação, a loção corporal, o creme facial abrillantador e o produto para o cabelo que tinha uma aparência e uma textura demasiado próximas de ranho para o seu gosto, ela reconsiderou mais seriamente o homicídio.

Colocou umas coisas nos olhos, pincelou outras nas bochechas, espalhou batom nos lábios e amaldiçoou quem quer que tivesse inventado melhoramentos faciais.

Já bastava, decidiu, e voltou para o quarto no momento em que Roarke chegava.

Como é que ele não precisava de toda aquela confusão e gosma para ficar tão atraente?, questionou-se. Nada do que Trina pudesse inventar conseguiria aprimorar aquele rosto — aquele rosto esculpido-por-anjos-benevolentes, os olhos azuis maliciosos, a boca perfeitamente desenhada que sorria nessa altura, quando ele a viu.

— Aí estás tu.

— Como é que sabes que sou eu? Tenho tanta porcaria na cara que podia ser qualquer outra pessoa disfarçada.

— Vamos lá ver. — Ele aproximou-se e encostou os lábios aos dela. — Aí estás tu — disse ele novamente com aquele sussurro da Irlanda na voz. — A minha Eve.

— Não me sinto como a tua Eve, nem como a minha. Porque é que não posso andar por aí com a minha cara normal?

— Querida, é sem dúvida a tua cara. Só que um pouco mais festiva. Sensual. E cheiras a isso.

— É romã, e mais umas coisas que a Trina me mandou usar. Porque é que eu deixo que ela mande em mim?

— Não sei dizer. — E não diria. — Como é que correu no estúdio?

— Foi estranho, mas a Durn é simpática. Não ficámos o tempo todo porque apanhámos um caso.

— Oh?

— Apanhado e encerrado.

Ele sorriu.

— E sinto que preciso de dizer que lamento por ter corrido tão bem. Porque não me falas da Marlo Durn e dos outros enquanto tomo um duche?

— Provavelmente conheces alguns. Já te cruzaste, e mais do que isso, com a malta de Hollywood.

— Hmm — foi a sua resposta evasiva enquanto se despia. — Em todo o caso, nunca sequer me cruzei com a Marlo Durn, o que deve ser um alívio para todos nós, visto que já assisti a alguma da cobertura mediática sobre ela. Nesta altura, podia passar por tua irmã.

— Pois. E é estranho. — Com as mãos nos bolsos do roupão, ela encostou-se à porta e viu o excelente traseiro dele a dirigir-se para o duche. — A que faz de Peabody é uma cabra.

— De acordo com os rumores — disse ele, falando por cima do jorro de

água. — Diz-se também que não há grande amor entre ela e a Durn. Deve ser uma noite interessante.

— Talvez se esmurrem uma à outra. — Eve sentiu o entusiasmo aumentar ligeiramente com a ideia. — Isso seria divertido.

— Teremos de esperar para ver.

— Os cenários das filmagens são assustadores — continuou ela. — Tudo o que faltava do átrio da esquadra eram migalhas na secretária do Jenkinson. Isso e o cheiro, mas são precisos anos de polícias para se ficar com esse cheiro.

Quando ele saiu do duche e enrolou uma toalha à volta da cintura, ela franziu o sobrolho.

— Só isso? É só isso que tens de fazer? Não é justo.

— Parte disso deve ser compensado pelo facto de tu não teres de fazer a barba.

— Acho que isso não é suficiente.

Ela dirigiu-se ao *closet*, abriu-o. E lançou outro olhar carrancudo.

— O que é suposto eu vestir? Há demasiadas opções aqui. Se se tiver apenas uma coisa, não é preciso pensar. É só tirar e vestir. Isto é demasiado complicado. A Peabody passou o tempo a chatear-me com isto até eu querer arrancar-lhe a língua e enrolá-la à volta do pescoço dela. Entre ela e a Trina, o meu cérebro está frito.

Divertido, Roarke aproximou-se e entrou no *closet*.

— Isto. — Tirou um vestido do varão.

Curto, notou ela, com um género de drapeado na saia, preso na lateral da cintura com uma flor do mesmo material e cor que o vestido. Não era bem azul, nem verde, e tinha uma espécie de cobertura reluzente. Ela analisou-o: o decote amplo, as alças da largura de um polegar.

— Como é que conheces este?

— Por alguma razão o vestido curto e preto é um clássico, mas expectável na maior parte das vezes... especialmente em Nova Iorque. Por isso, vais optar por usar cor, uma cor rica com um brilho suave. É feminino sem ser espalhafatoso, sensual sem tentar sê-lo.

Ela pegou no vestido, virou-o, e levantou uma sobrancelha ao ver a profundidade das costas abertas.

— Sem tentar.

— Muito. Tens sapatos a condizer.

— Tenho?

— Tens, sim, e combinam com diamantes. Deixa a cor para o vestido.

— Que diamantes? Sabes a quantidade deles que me ofereces? Porque é que fazes isso?

O tom de ofensa na voz dela divertiu-o quase tanto como oferecer-lhe diamantes.

— É uma doença. Vou buscá-los quando estiveres vestida.

Ela não disse nada, mantendo-se onde estava enquanto ele escolhia um fato escuro da sua floresta de fatos, uma camisa cor de ardósia e uma gravata cor de pedra.

— Porque é que não usas cor?

— É o melhor para servir de pano de fundo à minha bela esposa.

Eve semicerrou os olhos.

— Já tinhas essa preparada.

— A verdade está sempre pronta.

Ela apontou-lhe um dedo.

— Essa também.

— Que cínica. — Deu-lhe uma palmadinha no traseiro quando ela passou por ele. Eve podia ter arranjado mais para dizer, em termos de cinismo, mas decidiu guardá-lo. Quando já estava vestida, pedindo antecipadamente desculpa aos seus pés, presos em saltos que podiam picar gelo, e transferira a arma, o distintivo e o comunicador para uma das inúteis malas que as mulheres eram obrigadas a levar para os eventos noturnos, Roarke tinha os diamantes preparados.

— Tudo isso?

— Tudo isso, sim — disse ele com firmeza enquanto terminava o nó da gravata.

— Podias comprar Nova Jérсия com tudo isso.

— Prefiro vê-los na minha mulher do que comprar Nova Jérсия.

— Vão ver-me do espaço — resmungou ela enquanto colocava os reluzentes brincos compridos, prendia a pulseira e a unidade de pulso sofisticada.

— Não, assim não — disse ele enquanto ela lutava com o fecho do colar de três fiadas. — Assim. — Roarke ajustou as fiadas para que se espalhassem à frente e atrás.

Eve ia começar a fazer um comentário sobre joalharia para os ombros, mas, quando se virou para se mirar, teve de admitir que lhe pareceu verdadeiramente elegante.

— As noites estão a arrefecer. — Ele entregou-lhe um casaco curto, translúcido. Sobre o vestido, parecia uma fina película de estrelas.

— Eu já tinha isto?

— Tem-lo agora.

Os olhos dela desviaram-se para os dele no espelho. Eve tinha um comentário espertalhão preparado, mas, quando ele lhe sorriu, pensou: *Oh, que se lixe.*

— Estamos muito bem.

Com as mãos nos ombros dela, ele encostou a sua face à de Eve.

— Penso que estamos razoáveis.

— Vamos lá representar para Hollywood.

Parecia uma peça de teatro, o cenário, os fatos, as luzes. A residência principal de Mason Roundtree podia ser em Nova L.A., mas ele não poupou no seu apartamento de Nova Iorque.

A vivenda em Park Avenue tinha três pisos e ostentava um terraço coberto com piscina aquecida e jardim. Optara por um estilo minimalista contemporâneo, com muito vidro, cromados, espaços abertos e madeira em tons claros. Pontualmente, um candeeiro iluminava uma escultura sinuosa ou uma bola em tons de pedras preciosas. A arte conciliava manchas de cor com fotografias dramáticas a preto-e-branco.

A seguir à entrada, com o seu único feixe de luz prateada, a sala de estar alongava-se sob tetos altos. Um fogo ardia brandamente numa lareira prateada.

— Finalmente. — Contundente como uma lança afiada, Roundtree estendeu uma mão, agarrou a de Eve. Exibia uma barbicha, um triângulo perfeito de vermelho flamejante, e um grande volume de caracóis rebeldes.

Eve pensou que ele se sentiria melhor a deitar abaixo uma árvore com um machado numa qualquer floresta montanhosa do que numa sala de visitas moderna e elegante em Nova Iorque.

— É uma mulher difícil de apanhar, tenente Dallas.

— É possível.

— Senti a sua falta no estúdio, hoje. Queria algum tempo.

— Foi um homicídio.

— Assim ouvi dizer. — Os seus olhos azuis brilhavam enquanto analisava o rosto dela. — Foi mesmo em má altura. Espero que consiga arranjar tempo para ir ao estúdio — disse ele a Roarke com outro aperto de mão rápido e um sorriso.

— Vou fazer os possíveis.

— Está quase terminado. Não quero dar azar, mas até agora este projeto

tem corrido sem qualquer imprevisto. — Ele dirigira novamente os seus astutos olhos azulinos para Eve, uma mão a remexer na barbicha. — A tenente tem sido o único percalço. Não consigo que nos aconselhe, que venha a reuniões, almoços, entrevistas.

— Continua a ser homicídio.

— Ah!

— Mason, estás a monopolizar a nossa atração principal. — Uma morena curvilínea, a usar batom vermelho com safiras reluzentes subiu até eles no deslizante. — Sou Connie Burkette, esposa de Mason. Sejam bem-vindos.

— Sou um fã — disse-lhe Roarke.

Ela ronronou.

— Não há nada mais adorável de se ouvir da parte de um homem deslumbrante. Deixe-me devolver-lhe o elogio, e a si — disse ela a Eve. — O Mason tem andado completamente empanturrado com este projeto há quase um ano. E quando ele anda empanturrado, eu também fico enfartada. Sinto que já vos conheço aos dois. Então, champanhe, vinho? Algo mais forte?

Ao gesticular muito subtilmente, um dos empregados que distribuía flutres de champanhe aproximou-se.

— Está ótimo. Obrigada. — Eve pegou numa taça.

— O seu vestido é fabuloso. Está a usar Leonardo, certo?

— Ele é um pouco grande para mim.

Connie riu-se, um som fácil, gutural, a combinar com os seus serenos olhos castanhos.

— Sem dúvida. Adorei conhecê-lo e à Mavis. Ela é um verdadeiro, e singular, encanto. E a bebé! Que beldade. Agora acompanhem-me, para verem os vossos velhos amigos, os vossos novos amigos.

— Dallas! — Marlo, elegante num vestido justo de bronze baço, apressou-se até ela. — Estou tão contente por ter conseguido vir. A Peabody disse que já tinham encerrado o caso. Não é espantoso? — disse ela a Connie. — Apanharam um assassino em poucas horas.

— Não é difícil quando o assassino é um idiota — comentou Eve.

— Não são as duas espetaculares?

Connie agarrou uma das mãos de Eve, assim como uma das mãos de Marlo, fazendo Eve pensar se toda a gente em Hollywood se sentia compelida ao toque.

— Conheço a Marlo há anos — continuou Connie —, mas ver-vos às duas lado a lado é, bem, surreal. Há diferenças, claro. — Inclinando a cabeça, Connie olhou-as de alto a baixo. — A Marlo é um pouco mais baixa e os seus

olhos têm uma forma mais alongada; e, sem a maquilhagem, a Marlo não tem a covinha no queixo. Mas, de relance, é...

— Um pouco assustador — terminou Eve.

— É mesmo.

— O Joel queria que eu fizesse a covinha cirurgicamente. O produtor — acrescentou Marlo.

— Não está a brincar.

— Não estou. O Joel tem tendência para exagerar. Mas é isso que faz dele o melhor.

— Eu rapei a cabeça por ele, para o filme *Unreasonable Doubt* — disse Connie. — Mas, nesse caso, ele e o Mason tinham razão. E eu tenho o Óscar como prova disso.

— Não foi a cabeça rapada que te fez ganhar o Óscar. Foi a tua genialidade.

— Percebe porque mantenho esta bela jovem por perto? — perguntou Connie. — Oh, aquela deve ser a Charlotte Mira.

Eve olhou para trás.

— Sim. Aquela é a doutora Mira e o marido, Dennis. — Deus, ele era adorável, pensou Eve, com o seu fato janota e uma meia de cada cor. Sentiu-se mais descontraída só de olhar para ele.

— Preciso de me apresentar. Toma conta da nossa estrela, Marlo.

— Claro que sim. Ela é magnífica — disse Marlo quando Connie se dirigiu para os Mira. — É a atriz, e mulher, mais graciosa que conheço. Ela e o Roundtree estão casados há mais de vinte e cinco anos, sendo o primeiro casamento de ambos. É bastante tempo para qualquer pessoa, mas um milagre na nossa área, especialmente quando ambos trabalham nela.

Olhou, então, por cima do ombro de Eve, pestanejou.

— Oh, meu Deus.

— Senhoras.

— Roarke — disse Eve em forma de apresentação.

— Sem dúvida que é. Não conseguiram copiar-lhe os olhos. Quase, mas não exatamente. Lamento. Eu e o Julian trabalhamos juntos há meses, e habituei-me a pensar nele como sendo o Roarke. Mas agora aqui está.

— É um prazer conhecê-la. Admiro muito o seu trabalho.

— Já cá estão. — Peabody apressou-se até eles, as suas meninas emergindo orgulhosamente de um corpete de estrelas espalhadas num fundo escuro.

— Estavam a fazer-nos uma visita guiada à casa, que é mesmo requintada.

— Peabody. — Roarke retirou uma flute de uma bandeja e ofereceu-lha.

— Estás uma delícia.

— Oh, meu Deus — disse Marlo com um arquejo, enquanto Peabody corava e sorria.

— Obrigada. Isto é tão excitante. Estamos a divertir-nos imenso.

Ao lado dela, Ian McNab sorria. A sua versão de roupa chique era uma camisa cor de abóbora, um fato verde-lima e uns ténis de cano alto a combinarem com a camisa. Com o cabelo loiro apanhado atrás num longo rabo de cavalo, expunha o rosto magro e atraente e deixava que o balançar das argolas de ouro numa orelha cintilasse com a luminosidade.

Eve ia começar a falar quando um homem se aproximou do outro lado de Peabody. Usava o cabelo loiro apanhado atrás num longo rabo de cavalo, deixando exposto o seu rosto magro e atraente. O fato, camisa e gravata eram da cor de um nevoeiro noturno e assentavam perfeitamente no corpo esguio.

— McNab, seria assim a tua aparência, ou muito perto disso, se te vestisses como um humano adulto.

— Muito fixe, não é? — disse McNab, e trincou o canapé que tinha apanhado de outra bandeja.

— Matthew Zank, no papel de inspetor Ian McNab. — Estendeu a mão a Eve. — Tenente.

A breve sedução fez Eve sorrir.

— Pode tratar-me por Dallas.

— Olá, pessoal!

Quando Eve se virou ao ouvir a voz familiar, Mavis tirou uma fotografia com a sua câmara.

— Magníficos! Estou a fazer figura de p-a-r-v-a, mas quero fotos.

— A miúda não está aqui — lembrou-lhe Eve. — Não precisas de soletrar *parva*.

— Hábito. Parva, cu, merda, foda-se. Deus, isto soube bem. De qualquer forma, o Leonardo está na converseta com a Andi sobre o vestido dela para a estreia. Já a conheceste? — Tal como McNab, Mavis pegou num canapé. — Andrea Smythe, também conhecida por doutora Mira. Ela não se parece muito com a Mira esta noite, porque, uau, eu nunca vi a Mira usar um fato preto tão justo, nem a ouvi praguejar.

— A Andi tem a boca mais obscena de todos — explicou Marlo. — Faz parte do seu encanto, que ela tem para dar e vender. Toda a gente adora a Andi.

— Ela faz o Leonardo corar. É tão giro. — Mavis colocou o canapé na boca.

— Esse é um Leonardo, certo?

Perante a pergunta de Marlo, Eve ficou sem expressão.

— Sim — respondeu Roarke por ela.

— É fabuloso. Pela investigação que fiz, sei que as roupas não lhe dizem muito, e aí não podíamos ser mais diferentes. Eu adoro-as. Roupas, sapatos, malas, sapatos e mais sapatos. Não consigo faltar-me.

— Nunca poderemos ser amigas — disse Eve solenemente, fazendo Marlo rir.

— E não chego nem a metade do quanto Julian é viciado em roupa.

— Outra coisa que ele e o Roarke têm em comum. — Eve olhou à volta.

— Ele não está? Acho que daria por ele.

— Sempre atrasado. Ele traz a Nadine.

— A sério?

— Quem sabe? — disse Marlo com um encolher de ombros. — A K.T. também ainda não chegou, por isso...

— As nossas duas estrelas. Valerie, tira-nos uma fotografia. Joel Steinburger. — O homem alto e robusto, com cabelo preto metalizado e olhos negros intensos, agitou entusiasticamente a mão de Eve como se estivesse a dar à manivela a roldana de um poço, depois virou-se, agarrou-lhe o ombro e arreganhou os dentes à mulher com a câmara. — Isto é um prazer, um prazer. — Voltando a cerrar os dentes, enganchou o braço livre à volta da cintura de Marlo, puxando-a para si. — Gostou da sua visita ao cenário hoje? Mais vale tarde do que nunca! O Preston contou-me que a inspetora Peabody vai fazer uma participação como convidada especial para nós. Estou encantado. Também a vamos meter lá.

— Não — disse Eve.

— Vai ser divertido. Certificamo-nos de que recebe o pacote de *glamour* completo. Quem é que não quer ser uma estrela de cinema por um dia?

— Eu.

— Depois falamos. — Ele piscou-lhe o olho, mas os olhos pretos intensos perfuraram-na. — A Valerie está a tratar da parte das relações públicas e dos meios de comunicação para o projeto. Vocês as duas têm de combinar um almoço, discutir a campanha publicitária.

— Não — repetiu Eve, olhando para a mulher bonita com pele cor de chocolate de leite e olhos de tigre. — Desculpe, mas eu não vou a almoços nem faço campanhas publicitárias.

— A Valerie trata de tudo, torna-o divertido para si. Pelo que ouvi dizer, não tem um agente ou representante. Poupa algum tempo, não ter interme-diários. Vamos precisar de si durante uns dias para as cenas extra dos discos

de venda ao público, mas com a aparência de polícia. Nada de *glamour*. O público quer o seu verdadeiro eu.

— A palavra *não* diz-lhe alguma coisa?

— Ora, ora, docinho, não precisa de ser tímida. A Valerie explica-lhe tudo. E remarca as sessões de fotografia que não conseguimos hoje no estúdio. O mais rápido possível.

— Joel. — Sorrindo com facilidade, Roarke pousou uma mão no braço de Steinburger. — Porque é que não arranjamos um sítio para conversar?

— Roarke, claro. Outro prazer. O homem de negócios — disse ele com outra piscadela para Eve —, o marido. O apoiante.

— Achas que ele sabe que o Roarke acabou de lhe salvar a vida? — indagou Peabody.

— Ele tratou-me mesmo por *docinho*? Acho que ouvi mal.

— As minhas desculpas, tenente. — Valerie dirigiu-lhe um sorriso profissional frio, enquanto se desculpava. — O senhor Steinburger está a dar cento e dez por cento a este projeto. Ele espera o mesmo de todos os envolvidos.

— Onde é que ele arranja os dez por cento extra?

O sorriso de Valerie retesou-se nos cantos.

— E a publicidade faz parte do projeto. Se conseguir dispor de algum tempo, qualquer que seja, por favor contacte-me. Prometo que verificarei tudo pessoalmente e que farei o melhor uso possível do seu tempo.

— Pergunto-me se ela lhe chamava *senhor Steinburger* quando se andavam a comer como gatos com cio no escritório dele em Hollywood — murmurou Marlo quando Valerie se afastou.

— Não, ela chamava-lhe Deus — disse Matthew. — Do estilo: «Oh Deus, oh Deus, meu Deus, sim!» Eu ouvi-a. Infelizmente, o escritório tem estado calmo desde que chegámos a Nova Iorque.

— Oh, eles terminaram há meses, antes de deixarmos a Costa.

— A Chefe de Publicidade do projeto levou com os pés. Lamento. — Matthew voltou a mostrar o sorriso rápido e sedutor a Eve. — Somos frívolos, demasiado obcecados com quem está enrolado com quem.

— Como no liceu — sugeriu Eve.

Ele riu-se.

— Receio que sim. Além disso, os mexericos fazem passar o tempo entre as gravações.

— Querida Eve!

O sotaque irlandês estava um pouco mais evidente na voz, e não, os

olhos não eram de um azul tão impressionante. Mas Julian Cross superava todos os requisitos de beleza, e movia-se bem.

De facto, foi direito a Eve, puxou-a para um beijo rápido e intenso, com um toque de língua.

— Ei!

— Não consegui evitar. — Os olhos não-tão-azuis relampejaram para Eve. — Sinto que somos próximos.

— Pense isso outra vez e terão de acrescentar um lábio aberto na sua próxima cena. — Ela viu Roarke, com os olhos semicerrados, no outro lado da sala. — E, provavelmente, um maxilar partido.

— Julian, comporta-te. — Nadine Furst enviou a Eve um revirar de olhos solidário enquanto se agarrava com firmeza ao braço de Julian. — Fomos os últimos a chegar?

— A K.T. ainda não apareceu — disse-lhe Marlo, e levantou o rosto quando Julian se inclinou para a beijar. — Julian, ainda não conheces os inspetores Peabody e McNab.

— Peabody! — Entusiasmado, ele alcançou-a e ergueu-a no ar. Ela soltou uma espécie de *uau* antes de ele a beijar, dizendo depois:

— Hum.

— A minha miúda — disse McNab.

— McNab! — Julian não ergueu McNab no ar, mas também lhe deu um beijo.

Eve interrogava-se se dessa vez estariam envolvidas línguas.

— Hollywood. — Matthew deu uma gargalhada, levantou as mãos. — Somos um bando de imbecis.

— Uns mais do que outros — murmurou Marlo quando K.T. entrou e lançou um olhar carrancudo a toda a gente.